

Ordem do Dia

Rubem Braga

O que o presidente Getúlio Vargas disse, no Pacaembú, sobre a aplicação do dinheiro dos institutos de pensões e aposentadoria é o que muitos jornais — e entre eles o DIÁRIO CARIOCA — vêm pregando há muito tempo. Formando um enorme patrimônio com o dinheirinho da multidão, esses institutos suntuosos não estavam — não estão — prestando serviços à altura. Há casos tão ridículos como dolorosos, que toda gente vê e sabe, em que o amparo dado ao trabalhador ou à sua família é tão mesquinho e tão difícil e demorado que mais parece escarneo. Justiça seja feita: a imprensa martelou essas coisas, criticou repetidamente — às vezes com dificuldades e aborrecimentos — o absurdo de certas aplicações. Os responsáveis responderam muitas vezes a pequenos "suetos" com enormes páginas de matéria paga. Os "suetos" é que tinham razão. O presidente da República reconheceu, anunciando a nova lei.

Já que está com a mão na massa, o sr. Getúlio Vargas podia perfeitamente voltar seus olhos para as Caixas Econômicas Federais. O volume do dinheiro depositado nessas Caixas é enorme. Não tenho dados à mão, mas creio que só a Caixa Econômica do Rio tem bem mais de 1 bilhão de cruzeiros em depósito, e a de São Paulo não fica muito atrás. Ora, todos sabem que o maior volume dos depósitos provém de gente humilde: operários, comerciantes, funcionários públicos, famílias remediadas que ali guardam suas economias sob a garantia do governo federal. Essa a fonte do dinheiro. E o destino? Onde é aplicado esse dinheiro? Em benefício da gente do povo que o deposita? Não. Em benefício dos ricos — que muitas vezes não o recebem para nenhuma atividade produtiva e sim para erguer edifícios de apartamentos.

Em resumo: d. Maria, do Bangü, o Josino, empregado da Citv, o Juca da farmácia e mais algumas centenas de donas Marias, Josinos e Jucas levam seu dinheirinho à Caixa com muito sacrifício. A Caixa pega esse dinheirinho, junta um monte de dinheirão e o empresta ao sr. Guedes. Graças a esse empréstimo o sr. Guedes constrói um prédio de apartamento (em que d. Maria, o Josino e o Juca jamais conseguirão entrar, a não ser pela porta de serviço) e graças à sua habilidade e boas relações ganha alguns milhares de cruzeiros. É justo?

Não é justo. Aplicar o dinheiro de muitos pobres em benefício de alguns ricos não é justo. Já houve, dentro das próprias Caixas quem o sentisse. Lembro-me — porque modestamente conherei nela — da campanha que um diretor da Caixa Econômica Federal de S. Paulo, o dr. João Batista Pereira, empreendeu no sentido da Caixa financiar a construção de casas populares. Seu plano foi aprovado e começou a ser posto em execução, com aplausos da imprensa e enorme interesse de milhares de famílias. Mas não agradava a outras pessoas, que levaram a melhor: o homem rodou da direção da Caixa, os candidatos a casa própria ficaram chupando o dedo e lamentando o tempo e o entusiasmo perdidos — e tudo ficou por isso mesmo.

Somos, talvez, o único país do mundo em que as Caixas Econômicas não pensam em aplicar, em benefício do povo, o dinheiro que o povo lhes confia. Aqui a política é apanhar emprestado dos pobres para emprestar aos ricos. Não é, santo Deus, não é uma boa política.